

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

MONOGRAFIA

Pega de Boi no Mato

Helyanna de Siqueira Pereira

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

MONOGRAFIA

Pega de Boi no Mato

Helyanna de Siqueira Pereira
Graduando

Prof. Dsc. Juliano Martins Santiago

Serra Talhada - PE
Julho de 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

P436p Pereira, Helyanna de Siqueira

Pega de boi no mato / Helyanna de Siqueira Pereira. – Serra Talhada, 2019.

43 f.: il.

Orientador: Juliano Martins Santiago.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Zootecnia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referência.

1. Cultura popular. 2. Festas folclóricas. 3. Bovinos. I. Santiago, Juliano Martins, orient. II. Título.

CDD 636



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

HELlyANNA DE SIQUEIRA PEREIRA
Graduando

Monografia submetida ao Curso de Zootecnia como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Zootecnia.

Entregue em/...../..... Média: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juliano Martins Santiago

Profa. Dra. Mônica Calixto Ribeiro de Holanda

Profa. Dra. Fabiana Maria da Silva



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

HELAYANNA DE SIQUEIRA PEREIRA
Graduando

Monografia submetida ao Curso de Zootecnia como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Zootecnia.

Aprovado em/...../.....

EXAMINADORES

Prof. Dr. Juliano Martins Santiago

Profa. Dra. Mônica Calixto Ribeiro de Holanda

Profa. Dra. Fabiana Maria da Silva

*A Deus, por ter segurado a minha mão
todas as vezes que pensei em desistir.*

*Aos meus pais, Hélio Welson Pereira e
Ana Maria de Siqueira Pereira por todo
amor, dedicação e renúncias. Tenho
orgulho de carregar o nome de vocês na
formação do meu. Vocês têm todo o meu
amor para sempre.*

Dedico.

Agradecimentos

A Deus, pela vida e por ter me mostrado principalmente durante o período de realização desse trabalho que basta crer e ter fé que há tempo para tudo e o tempo do Senhor é perfeito.

Aos meus pais, Hélio e Ana, pelo amor e dedicação. Por me ensinarem a ser grata a Deus, dar valor a vida, ser honesta e trabalhadora. Obrigada por tudo que fizeram e fazem por mim, por aguentar a saudade, superarem a distância e serem meu colo e refúgio todas as vezes que volto para casa. Amo vocês além do infinito.

A minha avó, Hilda Verônica Pereira (*in memoriam*) que me viu iniciar esse sonho e acompanhou até a sua hora de partida. Sei que de algum lugar a senhora me vê e comemora comigo essa vitória. Te amo vó!

A minha família e amigas, pelo apoio e compreensão todas as vezes que estive em falta. Aos amigos que fiz durante a minha jornada acadêmica e fora dela, em especial a Aninha, Fabiola, Marília, Geane, Jadiane, Ilayane, Thainá, Elys, Damares e Marileide. Obrigado por me aguentarem até mesmo quando eu não me aguentava.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, por ter sido minha casa durante esses anos e a todos os professores que contribuíram para o meu crescimento, muitos ensinamentos irei levar para a vida inteira.

A todos que ajudaram nas buscas por cartazes das Pegas de Boi no Mato para elaboração dos dados desse trabalho, em especial Diogo, Geisa, Layane, Clara e Thays.

Ao professor Juliano Martins Santiago por todo apoio, dedicação durante a elaboração deste trabalho e principalmente por ter aceito me orientar diante de todas as dificuldades. Não tenho nem palavras para agradecer.

*Fui uma festa no sertão pernambucano
Peguei o boi mais valente do sertão
Entrei na festa escutei logo boato tome
cuidado*

*Quando for entrar no mato
Que o boi cigano é ligeiro igual um gato
Pra pegar ele tem que ter opinião.*

*O fazendeiro me abraçou e foi falando
esse boato corre
A mais de 15 anos
Tenho um diploma para quem pegar
cigano e deixar ele
Amarrado no mourão.*

*Entrei no mato encontrei o rastro dele,
sai andando
Mais na frente avistei ele, dei quatro
gritos e botei
O cavalo nele
Corri com ele em cima de um chapadão.*

*O boi corria lá em cima da chapada
Saiu correndo a procura da baixada
Deixando pedra e caatigueira arrancada
Fui pegar ele lá dentro de um grutilhão.*

*O touro velho não aguentou a carreira
Amarrei ele num tronco de aroeira
Ficou o cheiro da casca da caatigueira,
no meu chapéu
Na perneira e no gibão.*

*Esse diploma eu guardei como
lembrança é uma prova que
No tempo de infância eu fui vaqueiro e
tive muita confiança
Corri no mato e o honrei minha
profissão.*

*(Toada do Boi cigano – Liga do
Vaqueiro)*

SÚMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 15 |
| 2.1. Desenvolvimento da pecuária no Nordeste | 15 |
| 2.2. Pega de Boi no Mato | 17 |
| 2.2.1 <i>Regras da Pega de Boi no Mato</i> | 20 |
| 2.2.2 <i>Vestimentas</i> | 21 |
| 2.2.3 <i>Acidentes</i> | 22 |
| 2.3 Corridas de Mourão..... | 22 |
| 2.4 Vaquejada..... | 23 |
| 2.5 O cavalo Nordestino..... | 28 |
| 2.6 A raça Quarto de Milha..... | 29 |
| 3. OBJETIVOS GERAIS | 30 |
| 4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 30 |
| 5. MATERIAL E MÉTODOS | 30 |
| 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 31 |
| 7. CONCLUSÃO | 38 |
| 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 38 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Classificação das Pegas de Boi no Mato quanto a edição em que o evento se encontrava..... | 31 |
| Tabela 2. Caracterização dos organizadores das Pegas de Boi no Mato..... | 33 |
| Tabela 3. Quantidade de bovinos soltos na Caatinga para serem capturados nas disputas | 36 |
| Tabela 4. Premiação ofertada para cada bovino capturado | 37 |
| Tabela 5. Valor gasto com as premiações nas Pega de Boi no Mato | 37 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Distribuição das Pegas de Boi no Mato por estado brasileiro..... | 32 |
| Figura 2: Distribuição das Pegas de Boi ao longo dos meses | 33 |
| Figura 3: Distribuição das Pegas de Boi ao longo dos anos..... | 34 |
| Figura 4: Valores cobrados pelas senhas para competir nas Pegas de Boi no Mato | 35 |

Resumo

No Nordeste brasileiro prevalecem as competições equestres originadas das festas de apartação. Dentre essas práticas, as Pegas de Boi no Mato destacam-se por serem mais populares e acessíveis aos vaqueiros que desejam competir em disputas tradicionais. Neste contexto, objetivou-se com o presente trabalho realizar uma revisão bibliográfica sobre as Pegas de Boi no Mato. Além disso, utilizando cartazes de divulgação das Pegas de Boi no Mato, objetivou-se também caracterizar a estrutura e funcionamento dessa modalidade equestre. Para tanto, foram coletados cartazes de Pegas de Boi no Mato, realizadas no Nordeste brasileiro, em sites de busca e redes sociais. Na sequência, extraiu-se dos cartazes informações relacionadas a: números de edições de cada evento, município, estado, organização, data, valor das inscrições/senha, categorias de disputa, presença de atrações musicais, critérios de classificação, valor das premiações, valor do ingresso para a festa, entre outros detalhes julgados pertinentes. Após tabulação, as informações foram submetidas a análise estatística descritiva. Dos 240 cartazes considerados, 60,2% corresponderam a eventos que estavam entre a 1ª a 5ª edição. Além disso, a maioria das Pegas de Boi foram organizadas por familiares ou grupos de amigos, evidenciando a persistência do sertanejo em manter viva a tradição dos seus antepassados, mesmo sem apoio de órgãos públicos. Em relação a distribuição das Pegas de Boi ao longo do ano, o período compreendido entre dezembro e fevereiro foi o de menor atividade para os vaqueiros. Por outro lado, a maior frequência desses eventos ocorreu justamente nos meses seguintes, março a maio. Quanto ao valor cobrado pela senha, registrou-se valores médios entre R\$50,00 a R\$70,00, ficando muito abaixo da média de R\$1100,00 cobradas nas disputas de Vaquejada, reforçando o caráter social e democrático das Pegas de Boi. Ao somar o valor total das premiações por evento, constatou-se que esse variou de R\$400,00 a R\$30.000,00, tendo a maioria (55%) gasto até R\$5.000,00. Além disso, dos 240 cartazes, apenas um considerou a participação de vaqueiras. Concluiu-se que as Pegas de Boi no Mato são importantes manifestações culturais que celebram a cultura nordestina e a memória do vaqueiro sertanejo.

Palavras-chave: bovino, cultura, equino, festa, Nordeste, sertão

Abstract

In the Brazilian Northeast prevail the equestrian competitions originated from the parties of the *Apartação*. Among these practices, the *Pegas de Boi no Mato* stand out for being more popular and accessible to cowboys who wish to compete in traditional disputes. In this context, the objective of this work was to carry out a bibliographic review on the *Pegas de Boi no Mato*. In addition, using publicity posters of the *Pegas de Boi no Mato*, it was also aimed to characterize the structure and functioning of this equestrian modality. For that, posters of *Pegas de Boi no Mato* were collected, carried out in the Brazilian Northeast, in search sites and social networks. In the sequence, information related to: numbers of editions of each event, municipality, state, organization, date, registration / password value, dispute categories, presence of musical attractions, classification criteria, value of the ticket for the party, among other details deemed pertinent. After tabulation, the information was submitted to descriptive statistical analysis. Of the 240 posters considered, 60.2% corresponded to events that were between the 1st to the 5th edition. In addition, most *Pegas de Boi* were organized by relatives or groups of friends, evidencing the persistence of the *sertanejo* in keeping alive the tradition of their ancestors, even without the support of public agencies. In relation to the distribution of *Pegas de Boi* during the year, the period between December and February was the one of less activity for the cowboys. On the other hand, the highest frequency of these events occurred in the following months, March to May. As for the value charged by the password, average values between R \$ 50.00 and R \$ 70.00 were registered, well below the average of R \$ 1100.00 collected in the *Vaquejada* disputes, reinforcing the social and democratic character of *Pegas de Boi*. When adding the total value of the awards per event, it was verified that this ranged from R \$ 400 to R \$ 30,000.00, with a majority (55%) spent up to R \$ 5,000.00. In addition, of the 240 posters, only one considered the participation of cowgirls. It was concluded that the *Pegas de Boi no Mato* are important cultural manifestations that celebrate the northeastern culture and the memory of the *sertanejo* cowboy.

Keywords: bovine, culture, equine, party, Northeast, *sertão*

1. INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento do sertão nordestino ocorreu a partir do crescimento da economia das cidades de Salvador e Olinda. A necessidade de animais para serem empregados como força motriz nos engenhos e para abastecimento dos centros urbanos em crescimento levou a busca de novas terras para a criação de bovinos, resultando na interiorização e desbravamento dos sertões (ANDRADE, 1986).

Entretanto, devido à pecuária apresentar dinâmica diferente da produção açucareira, houve necessidade de desmembrar as duas atividades econômicas. Assim, a produção animal concentrou-se no interior, o que contribuiu para o povoamento dos sertões, enquanto os engenhos permaneceram nas regiões litorâneas (TAPETY, 2007).

A partir da interiorização da produção animal surgiram as grandes fazendas de criação de gado. Nessas propriedades, os bovinos eram criados soltos na Caatinga, pois naquela época as fazendas não eram delimitadas por cercas e, muitas vezes, se misturavam com os animais das propriedades vizinhas (BARROSO, 1930). Além disso, os bezerros nascidos na Caatinga, chamados de barbatão, tinham pouco ou nenhum contato com os humanos, tornando-se ariscos na presença dos vaqueiros (ALVES, 1986).

Para realizar a pega dos bovinos soltos na Caatinga, os fazendeiros convocavam os vaqueiros da propriedade e também convidavam vaqueiros das fazendas vizinhas. Assim, os animais eram reunidos e conduzidos ao pátio da fazenda, para que pudessem ser separados e entregues aos seus respectivos donos. Rapidamente essa prática denominada “Festa de Apartação” ganhou destaque na região, tornando-se um evento tradicional no sertão nordestino. As Festas de Apartação foram muito importantes para o surgimento de outras expressões culturais do vaqueiro nordestino, como a Pega de Boi no Mato, a Corrida de Mourão e as Vaquejadas. Essas atividades ganharam notoriedade do público a partir dos anos 80 e até hoje são formas de celebração da cultura sertaneja e de enaltecimento da figura do vaqueiro (MAIA, 2003).

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Desenvolvimento da pecuária no Nordeste

No período colonial, o Brasil, na condição de colônia portuguesa era terra propícia para a produção em larga escala de matérias primas. Assim, a economia do país baseou-se na produção latifundiária e na monocultura açucareira, com objetivo principal de abastecer o mercado europeu (FARIA, 1993).

Neste cenário, onde prevaleciam os grandes latifúndios destinados à produção de cana de açúcar, a pecuária desenvolveu-se como atividade secundária, para fornecer alimentos e força motriz. Ressalta-se que o uso de bovinos nesses dois segmentos era determinado pela coroa portuguesa (FARIA, 1993).

Apesar das deliberações da coroa portuguesa para que a atividade açucareira fosse a prioridade da colônia, a pecuária começou a ganhar espaço e destaque (FARIA, 1993; SOUZA, 200-?). Com o crescimento da pecuária, canaviais foram invadidos por rebanhos bovinos, ou mesmo áreas a princípio destinadas à produção de cana de açúcar passaram a ser utilizadas para a criação de animais.

Devido ao desenvolvimento da pecuária bovina e problemas causados por ele, em 1701 foi publicada a carta régia que proibia a criação de bovinos no litoral. Desde então, rebanhos bovinos eram permitidos apenas a dez léguas de distância do litoral, fato que favoreceu o deslocamento da pecuária para o interior do território brasileiro (SIMONSEN, 1937; MEDEIROS NETO, 1970).

Segundo Vieira (2007), o desbravamento e ocupação do agreste e sertão nordestino foi feito principalmente pelos vaqueiros. Estes, de origem escrava e/ou posseira, não tiveram chances econômicas em cidades como Salvador e Olinda, encontrando como única alternativa subjugar-se a um senhor de terras, que lhes garantia proteção e subsistência.

Ao chegarem no sertão os posseiros enfrentaram índios, que se defendiam dos avanços da bovinocultura que os empurravam cada vez mais para o interior. Nestes sertões desenvolveram-se um tipo de civilização *sui generis*. Os grandes proprietários de terras destinavam as melhores áreas da propriedade para os currais, que ficam sob a responsabilidade dos vaqueiros de confiança (ANDRADE, 1984). De acordo com Barroso (2006), na época a remuneração dos vaqueiros era através da “quarta” dos

bezerros e potros que nasciam, ou seja, a cada quatro animais nascidos um era do vaqueiro.

A confiança dos fazendeiros em seus vaqueiros era primordial, pois esses coronéis geralmente moravam em cidades do interior, próximas de suas fazendas, dedicando-se a outras atividades econômicas e políticas. Assim, durante a maior parte do ano a fazenda ficava aos cuidados do vaqueiro, que tinha autoridade sobre os outros trabalhadores e cuidavam do rebanho desde o período mais chuvoso, quando as condições climáticas eram favoráveis a produção de leite e carne para venda e consumo próprio, até às épocas mais secas quando se fazia necessário a utilização de cactáceas para alimentar os animais (ANDRADE, 1984).

Segundo Barroso (1930), os vaqueiros desempenhavam funções econômicas, utilitárias e subservientes aos donos das fazendas nas quais trabalhavam. Naquela época, devido à ausência de cercas nas fazendas, rebanhos de diferentes donos se misturavam, aumentando a responsabilidade dos vaqueiros em assegurar a integridade dos animais de seus patrões. Além disso, os vaqueiros também desempenhavam papel importante ao mediar diálogos políticos com os outros trabalhadores locais. Por vezes os patrões concediam aos vaqueiros certo poder, autonomia, propriedades e até mesmo títulos (MARQUES, 1995; MEDRADO, 2008). Nesse contexto, as ações dos vaqueiros extrapolavam os serviços rurais e, por exemplo, durante as épocas de eleições eram eles que estruturavam os currais eleitorais, garantindo e perpetuando o domínio político dos fazendeiros na região (MEDRADO, 2012).

Até metade do século XX, a pecuária era desenvolvida em fazendas do sertão (sistema extensivo) que não possuíam demarcações com cercas. Além disso, a vegetação nativa era pouco modificada. Os bovinos criados eram os que apresentavam resistência ao semiárido, sendo denominados de “crioulo” ou “pé-duro” devido a sua rusticidade, cascos duros que facilitavam o deslocamento nos solos pedregosos, além de não pertencerem a nenhuma raça específica. O Leite e a carne produzidos eram utilizados para consumo nas próprias fazendas, bem como comercializados. Além disso, os bovinos também eram utilizados como moedas de trocas e/ou como poupança, uma reserva para casos de emergência (MENEZES; ALMEIDA, 2008).

Em relação ao efetivo do rebanho bovino no Nordeste, durante o período de formação das fazendas e desenvolvimento da atividade pecuária, Prado Junior (2006) afirmou que o número de animais provavelmente não alcançava 2 milhões de cabeças, e que esses animais não forneciam mais que 120 kg de carne em média.

2.2. Pega de Boi no Mato

A Pega de Boi no Mato consiste em uma prática tradicional que simboliza o início da ocupação do sertão nordestino pelos europeus (CAVALUS, 2018). Assim, essa prática e a tradicional figura do vaqueiro fazem parte da cultura sertaneja, reforçando e reverberando a identidade e o cotidiano do homem do sertão, além de atrair turistas para as regiões onde essas festas ainda são tradicionais (CAVALCANTI; BENÍCIO, 2017).

Giddens (2000) afirmou que nas regiões onde se realizam esses festejos, a identidade cultural é fundamentada por histórias de bravura, coragem e sagacidade dos antigos vaqueiros. Para o autor, essas festas são consideradas tradicionais conforme o passado estrutura o presente, através de crenças e sentimentos em comum que são compartilhados.

Antigamente as fazendas não possuíam demarcações, então o gado ao adentrar as áreas de Caatinga para pastejar acabava se misturando com os animais de outros fazendeiros. Logo, nos períodos chuvosos ou quando se fazia necessário a reunião desses animais, o dono da fazenda proporcionava festas para reaver as reses perdidas. Então, os vaqueiros da própria fazenda e outros vaqueiros da região eram convocados para reunir e selecionar o gado. Essas reuniões, chamadas de apartação, se transformaram em rituais festivos, atraindo pessoas tanto das comunidades próximas quanto das mais distantes, nascendo então uma festa tradicional, presente em todo o sertão nordestino (MENEZES; ALMEIDA, 2008).

A habilidade em capturar o boi arisco na Caatinga, denominado de marueiro ou barbatão (bezerro nascido na Caatinga e, por isso, sem contato com o homem), tornava os vaqueiros e cavalos respeitados na comunidade, sendo muitos vaqueiros considerados heróis pela destreza para pegar boi no mato. Percebendo a vontade dos vaqueiros em realizar esse feito, os fazendeiros ofertavam o prêmio de poder correr três bois em frente da fazenda, para cada vaqueiro que conseguisse pegar um barbatão no mato. As disputas em frente à fazenda deram origem às Corridas de Mourão. Tal desafio se tornou tão atrativo, que os vaqueiros só pegavam o barbatão no mato, se fosse concedido a eles o direito de correr boi em frente às fazendas (ALVES, 1986).

Após conduzirem o gado do mato para os currais, iniciava-se a festa de apartação (FELIX; ALENCAR, 2011). Então o gado era dividido entre o fazendeiro e o vaqueiro, que tinha o seu trabalho pago com uma quarta, ou seja, um quarto da produção de cinco

em cinco anos. Esse tipo de acordo estimulava no vaqueiro o desejo e esperança de um dia também se tornar fazendeiro (BARROSO, 2006).

A captura do gado na Caatinga era feita utilizando uma vara de ferrão ou puxando o bovino pela cauda. Dentre as duas técnicas, a derrubada do bovino pela cauda foi a mais utilizada, devido a facilidade em desequilibrar o animal ao puxá-lo pela cauda (CASCUDO, 1976).

Em seu cotidiano na Caatinga, o vaqueiro enfrentava os perigos dos animais que habitavam esse bioma, pois muitas vezes era necessário passar a noite no mato para encontrar o gado perdido e verificar as condições dos mesmos (BARROSO, 2006). Geralmente os vaqueiros se dividiam em grupos para cobrir uma área maior da Caatinga. Os animais encontrados eram conduzidos a um local comum, normalmente um espaço aberto, vigiado por outro grupo de vaqueiros (FARIA, 1993).

Segundo Bezerra (1978), após a condução do gado para um espaço aberto, os animais eram separados, identificados e entregues aos donos, enquanto o barbatão era entregue à Intendência Municipal, órgão que hoje corresponderia a prefeitura. Naquela época, as atividades de apartação ocorriam entre os meses de junho e julho, período chuvoso que facilitava o trabalho dos vaqueiros (ALVES, 1986).

Outra figura importante era o vaqueiro aboiador, que permanecia no local onde o gado era mantido reunido. O aboio servia para orientar os vaqueiros que adentravam a Caatinga a procura dos bois, guiando-os de volta para a área onde os outros bovinos estavam reunidos. Esse tipo de cântico também era utilizado para conduzir a boiada ao local desejado, apaziguar o gado e na rotina da fazenda, nas idas e vindas habituais aos currais, campos e cercados (FARIA, 1993).

Com o passar do tempo, a festa de apartação passou a ser pouco praticada, pois atividades agrícolas ocuparam maior parte dos campos antes destinados à criação de gado. Como consequência, os rebanhos diminuíram e as antigas fazendas de gado foram desaparecendo. Além disso, ocorreram mudanças no sistema de criação dos bovinos. A princípio eram necessárias grandes áreas para que os animais se alimentassem livremente, característica do sistema extensivo. Com o passar dos anos e com a chegada de novas raças zebuínas, parte das propriedades adotaram o sistema de criação semi confinado, que exigia áreas menores para pastejo. Assim, as propriedades foram divididas e cercadas com arame farpado. Esse tipo de sistema, além de reduzir a frequência das festas de apartação, também contribuiu para diminuir o número de trabalhadores nas fazendas, ou seja, dos vaqueiros (BARBOSA, 2006).

De acordo com Medeiros (2014), visando manter viva a memória do sertanejo e celebrar a valentia e importância histórica do vaqueiro, cresce a cada dia as Pegas de Boi no Mato por todo o Nordeste brasileiro. Estes eventos são normalmente realizados nas mesmas fazendas do passado, onde os proprietários e organizadores disponibilizam o terreno, animais e alimentação para os participantes. Muitas vezes os vaqueiros pagam um valor simbólico de inscrição, bem diferente do que é cobrado nas grandes Vaquejadas. Na Pega de Boi no Mato os animais ainda são soltos em áreas de Caatinga preservada e quem conseguir captura-los é declarado vencedor, ou vencedores, sendo premiados no encerramento da festa. Os prêmios são valores em dinheiro, troféus, animais (bovinos, caprinos ou ovinos), selas e arreios, normalmente doados por parceiros dos organizadores do evento e/ou patrocinadores.

Para capturar o bovino na Caatinga os vaqueiros enfrentam galhos, troncos, pedras, buracos, espinhos de Jurema e touceiras de Xique-Xique, demonstrando coragem e valentia. Os acidentes são frequentes e muitos podem ser fatais, pois os cavalos alcançam velocidades próximas a 60 km/h ao correr no meio da Caatinga (CAVALUS, 2018). Segundo Pereira (2015), não há treinamento ou qualquer tipo de preparação prévia dos vaqueiros e cavalos, pois essa atividade remonta o estilo de vida, a trajetória social e o cotidiano no qual os vaqueiros estão inseridos, sendo a rotina suficiente para que se aprimore a prática e saberes que lhes serão úteis nas competições.

No seu formato esportivo, a Pega de Boi no Mato é bastante radical, não sendo raros casos de ferimentos graves tanto no vaqueiro quanto no cavalo, pois não havendo espaço entre os galhos e nem trilhas bem demarcadas para percorrer, o vaqueiro e cavalo abrem caminho com o corpo desviando dos obstáculos da Caatinga. Quanto mais rápido mais perigoso, e sempre em uma equipe pelo menos um vaqueiro volta com cortes no rosto, pois é a única parte do corpo que fica exposta. Essas equipes em sua maioria são compostas por familiares (pais, filhos e primos), tendo sempre um líder mais velho e muitos vaqueiros jovens, alguns até adolescentes (MEDIUM, 2016).

Atualmente a Pega de Boi no Mato faz parte do calendário de alguns circuitos de Vaquejadas, o que a torna uma atividade recreativa e competitiva, com característica de esporte (PERES, 2015). A inclusão das Pegas de Boi nesses calendários tem como objetivo oferecer espaço para os autênticos vaqueiros do sertão, que muitas vezes não têm condições de pagar uma senha para se inscrever nas Vaquejadas, por se tratar de valores altos, além de não possuírem cavalos de raça. Com apenas R\$ 20,00, o vaqueiro participa da festa e concorre às premiações oferecidas (DIÁRIO DO NORDESTE, 2008).

Além da diferença de valores das senhas, a Pega de boi no Mato difere da Vaquejada também nas características do esporte. Na Vaquejada o bovino corre em uma pista de areia demarcada, sendo derrubado por uma dupla de vaqueiros. Já as Pegas de Boi acontecem no meio da Caatinga, onde os vaqueiros encourados entram dentro do mato, montados em seus cavalos velozes, para pegar o bovino, sendo considerada uma versão mais ‘rústica’. A semelhança fica por conta do objetivo que os dois esportes têm: preservação da memória do sertanejo e reconhecimento da valentia e importância dessa figura. Mantendo viva as tradições, esses esportes vêm a cada dia ganhando destaque por todo o Nordeste brasileiro (CAVALUS, 2018).

Ressalta-se que a Pega de Boi no Mato, como um esporte, é considerado menos prejudicial para o bovino, pois não há necessidade de realizar a derrubada do animal. No entanto, ela se mostra mais perigosa para o vaqueiro e o cavalo que juntos precisam enfrentar a Caatinga e seus perigos (VIVA O SERTÃO, 2016).

2.2.1 Regras da Pega de Boi no Mato

Antigamente os vaqueiros capturavam o bovino na Caatinga e o traziam de volta ao ponto de partida. Assim, a comissão avaliadora certificava o feito e garantia a premiação. No entanto, para minimizar os maus tratos causados aos bovinos, atualmente os vaqueiros devem retornar do mato trazendo apenas o colar ou a fita que são pendurados no pescoço ou amarrado nos chifres dos bovinos (MENEZES; ALMEIDA, 2008).

Em relação as atuais regras da Pega e Boi no Mato, Pereira (2016) elencou as técnicas mais utilizadas para captura dos bovinos:

- Apear - Essa técnica consiste em prender as patas do animal utilizando um instrumento de couro chamado peia;
- Passar a surrupeia ou colocar o cambão - Utilizada para evitar a fuga dos animais, tornando suas passadas lentas e curtas, facilitando a condução do bovino para o local determinado. A surrupeia consiste em amarrar uma corda no ventre do animal, passando por esta corda uma outra que, no entanto, vai de uma das patas traseiras até uma das patas dianteiras. A utilização do cambão consiste em pendurar no pescoço do animal um tronco de madeira chamado de cambão;
- Colocar na face do animal uma careta que nada mais é do que uma máscara de couro que tem a função de dificultar a percepção visual;

- Em caso de animais sem chocalhos, coloca-se no pescoço do bovino um tipo de chocalho preso por um cinto de couro chamado “zabelê”. O som desse chocalho facilita a condução do gado para o local determinado. Para o caso dos animais já enchocalhados, esse instrumento vai ter a função de facilitar a localização dos animais na caatinga, bem como servirá como prova de que um grupo de vaqueiro capturou um animal específico, já que é no cinto de couro que prende o chocalho que estará escrito o nome do animal e, às vezes, o valor do prêmio. Os animais são capturados uma única vez e o prêmio deve ser repartido de forma igualitária entre os competidores que o capturarem.

Quando os vaqueiros retornam da corrida trazendo um bovino, é verificado se o animal capturado faz parte da competição. Em alguns casos, além do chocalho ou fita no chifre, utiliza-se uma marcação com tinta na frente dos animais para facilitar a identificação, pois pode acontecer a captura de animais de propriedades vizinhas, que não fazem parte da competição (PEREIRA, 2016).

2.2.2 *Vestimentas*

Na prática da Pega de Boi no Mato os vaqueiros utilizam roupas de couro, que servem para proteger os vaqueiros de acidentes durante as corridas na caatinga. Essa vestimenta tradicional é composta por várias peças, sendo a principal delas o gibão, que recobre os vaqueiros do pescoço à cintura, como se fosse um paletó de couro. Para proteção do peito usa-se um pedaço de couro curtido, chamado guarda-peito, preso por meio de correias ao pescoço e à cintura.

Outra peça é a perneira, uma espécie de calça de couro ajustada ao corpo, indo do pé à virilha, deixando a região do quadril livre para cavalgar. O chapéu de couro do vaqueiro nordestino é uma peça indispensável que, além da função de proteger do sol, serve ainda como escudo contra eventuais golpes na cabeça causados durante as competições. Nos pés, os vaqueiros utilizam esporas de metal, amarradas no salto da bota, que tem como função incitar o cavalo (MEDEIROS, 2014). O dorso das mãos do vaqueiro também é protegido por uma espécie de luva, deixando os dedos livres para facilitar o manuseio das rédeas (VIEIRA, 2007).

Antes da competição, muitos vaqueiros costumam passar sebo (gordura crua de boi) no couro do vestuário para facilitar que as peças deslizem no confronto com galhos e folhas da Caatinga (MENEZES; ALMEIDA, 2008). O cavalo também possui proteções

em couro, independentes, que recobrem face, peito, pescoço e metade das pernas. Essas vestimentas são feitas geralmente utilizando couro de carneiro e em algumas ocasiões de bovino (VIEIRA, 2007).

2.2.3 Acidentes

Embora os vaqueiros utilizem as tradicionais vestimentas de couro para sua proteção, no decorrer da festa muitos deles são acidentados, pois a Caatinga apresenta obstáculos naturais como galhos, troncos, pedras, buracos e a própria vegetação. Quedas dos cavalos são frequentes causando, muitas vezes, graves fraturas no equino e também nos vaqueiros (MENEZES; ALMEIDA, 2008).

Muitos vaqueiros chegam a ficar cegos ou perder a orelha durante a Pega de Boi no Mato. Os cortes no rosto são motivos de orgulho, pois são vistos como prova de bravura desses “cabras da peste”, onde cada marca carrega histórias que são contadas nas rodas de amigos (LUNA, 2015).

Menezes e Almeida (2008) relataram que os participantes costumam exibir com orgulho os ferimentos no final das competições. As marcas que estampam o rosto e o corpo do vaqueiro demonstram sua coragem, valentia e sagacidade. Assim, mesmo ferido, o vaqueiro ao realizar a captura dos animais mais bravos provoca êxtase e tem seu feito destacado pelos aboiadores.

Devido ao risco que a prática oferece, antes da pega de boi o vaqueiro realiza suas orações, em busca de proteção. Atualmente, essas orações são realizadas durante as Missas do Vaqueiro. O mito fundador dessa celebração foi o assassinato do vaqueiro Raimundo Jacó em 1954, quando exercia seu ofício durante uma Pega de Boi no Mato, no Sítio das Lages, local que desde a sua morte tornou-se destino de romarias. A missa, criada em 1971, ocorre sempre no lugar onde ele foi encontrado morto. Um altar rústico é montado em meio à Caatinga e a cerimônia é acompanhada por aboiadores. Um dos apoiadores da celebração foi o músico Luiz Gonzaga, primo de Raimundo Jacó, que compôs a canção “A morte do vaqueiro” juntamente com Nelson Barbalho (LIMA, 1991).

2.3 Corridas de Mourão

As festas de apartação também deram origem as Corridas de Mourão. No início, essas corridas eram a recompensa concedida pelos coronéis aos vaqueiros que

conseguissem capturar o barbatão no mato. Assim, após captura do barbatão o vaqueiro teria direito a correr quatro bois no pátio da fazenda, ou seja, quatro carreiras de mourão. Esse tipo de recompensa tornou a captura dos barbatões ainda mais concorridas. Logo, muitos vaqueiros só se interessavam em participar das festas de apartação e recolher o gado se o fazendeiro cedesse alguns animais para correr no pátio (ALVES, 1986).

Segundo Carvalho (2014), as Corridas de Mourão iniciaram na década de 40 e se popularizaram quando vaqueiros da Bahia e do Ceará ganharam fama com suas habilidades nessa prática. Os desafios ocorriam em uma área das fazendas de chão batido e duro, onde o vaqueiro corria atrás do boi, percorrendo qualquer espaço do pátio. Aquele que se destacasse mais na realização da puxada do boi se tornava o vencedor do desafio (AIRES, 2008).

Com o passar do tempo, essa prática de derrubada de boi pela cauda foi se popularizando e ganhando ares de festa, exaltando as habilidades dos vaqueiros e promovendo um divertimento para os fazendeiros e sua família. Os coronéis daquela época, que organizavam as disputas, costumavam também fazer apostas em seus vaqueiros preferidos. Ao vencedor pagava-se um prêmio simbólico (ALVES, 1986; SILVA, 2009).

Atualmente, como ressaltou Aires (2008), esse tipo de competição ainda ocorre em algumas regiões do Nordeste, porém com modificações: o competidor consagra-se vencedor ao conseguir derrubar o boi o mais próximo possível da porteira de entrada dos bois na pista de competição, podendo o boi correr para frente e para trás. O que contabiliza a pontuação é o vaqueiro realizar a puxada e derrubada do boi no chão. A principal diferença entre as competições do passado e as atuais é que hoje a derrubada do boi é feita no interior de uma pista de Vaquejada, enquanto que nas primeiras competições essa derrubada era feita em espaços abertos dos pátios das fazendas.

2.4 Vaquejada

A Vaquejada surgiu entre os séculos XVII e XVIII, originando-se das festas de apartação que eram realizadas nas fazendas nos sertões nordestino, onde a pecuária era uma atividade econômica de destaque. A partir de 1980 a Vaquejada passou a ser reconhecida como um esporte, ganhando notoriedade por todo o Brasil (MAIA, 2003). Segundo Aires (2008), as atuais disputas de Vaquejada são uma evolução das primeiras Corridas de Mourão, que se diferiam pela forma como o boi era derrubado.

A Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ) define a Vaquejada como: “...uma atividade cultural competitiva, com características de esporte, praticada em uma pista no qual dois vaqueiros montados a cavalo têm o objetivo de alcançar e emparelhar o boi entre os cavalos, conduzi-lo até o local indicado, onde o bovino deve ser deitado.” (ABVAQ, 2017). As duplas de vaqueiros têm direito a correr três bois com valores distintos. Ao final da disputa é feito a contagem de pontos e a dupla que obtiver a maior somatória é consagrada campeã, recebendo um troféu e premiação em dinheiro.

Devido a sua popularização, a partir de 1990 as Vaquejadas tornaram-se um grande negócio, sendo divulgadas nos meios de comunicação (escrita, falada e televisiva), juntamente com o surgimento dos grandes Parques de Vaquejada, que ofereciam infraestruturas para receber maior quantidade de público e também ofereciam shows com bandas de forró. Soma-se a isso os investimentos financeiros em cavalos de raça, caminhões e vaqueiros (BARBOSA, 2006), além do estabelecimento de regras, delimitação do percurso e aumento nos valores das senhas (MAIA, 2003).

A evolução da Vaquejada levou ao surgimento de dois tipos de vaqueiros, os que correm Vaquejada apenas por esporte, e outros que praticam essa atividade como profissão, sendo, muitos destes, filhos ou netos de vaqueiros que corriam as antigas Vaquejadas e não ganhavam dinheiro para tal, já que as corridas de antigamente eram vistas como forma de lazer, e o trabalho mesmo era a pega do gado no mato (FELIX; ALENCAR, 2011).

As disputas de Vaquejada acontecem em pistas delimitadas, equipadas com arquibancadas para o público e a arena para os competidores (PEREIRA, 2015). Além disso, as Vaquejadas contam hoje com um calendário oficial dos eventos, sendo eles divididos em circuitos onde cinco ou seis Vaquejadas devem acontecer em parques com localizações próximas, geralmente duas em uma mesma cidade e as demais em cidades vizinhas (MAIA, 2003).

Com relação as regras, existem variações de região para região e algumas vezes de cidade para cidade. As disputas são realizadas em duplas compostas por um puxador e um esteira. O esteira tem a função de entregar a cauda do boi para o puxador que, por sua vez, realiza a derrubada do boi. A derrubada do boi deve acontecer dentro de uma área demarcada por duas faixas distantes 10 metros uma da outra. Para “valer o boi” (para que os pontos sejam contabilizados), o bovino deve cair com as quatro patas para cima e levantar-se dentro deste limite (FELIX; ALENCAR, 2011). Cada evento conta, geralmente, com a participação de centenas de duplas de vaqueiros, compostas por um

puxador (com a função de derrubar o bovino pelo rabo) e um esteira (faz o serviço de apoio, alinhando o bovino na pista e impedindo que ele caia fora da área de pontuação) (LIMA et al., 2006).

Existe ainda a divisão dos participantes em duas categorias: profissional e amador. Os profissionais são aqueles vaqueiros contratados pelos Parques de Vaquejada ou por algum proprietário de haras ou fazenda de gado, enquanto que os amadores são os vaqueiros que participam das disputas apenas por *hobby* (FELIX; ALENCAR, 2011). Muitos dos vaqueiros profissionais também exercem a função de cuidar dos cavalos e treiná-los diariamente para as competições. Geralmente eles residem nas propriedades e recebem salários mensais, além da porcentagem dos prêmios nas corridas (MAIA, 2003).

O processo de reconhecimento da Vaquejada como um esporte fez com que o evento se tornasse cada vez mais profissional e, com isso, surgiram modificações nas relações de trabalho do vaqueiro. Se antes o vaqueiro era subordinado aos seus patrões (os grandes fazendeiros), atualmente a relação de trabalho é entre o vaqueiro e um grande empresário que pode ser exclusivo do ramo da Vaquejada ou não. Outra mudança que se nota é a forma de pagamento pelo serviço do vaqueiro, que antes era pago com um quarto da produção dos animais a cada cinco anos e hoje é feito através da divisão (entre vaqueiro e empresário) dos prêmios que o vaqueiro recebe ao ganhar as disputas (FELIX; ALENCAR, 2011).

As Vaquejadas ocorrem em todo território nacional, mas com destaque para a região Nordeste. Nesta parte do Brasil, o Circuito Pernambucano, com nove etapas, destaca-se das demais unidades da Federação. Cada etapa (três dias de competição) atrai, em média, um público de 30 mil expectadores. O custo de cada etapa é próximo a R\$ 700 mil, sendo que somente em prêmios são distribuídos cerca de R\$ 100 mil por etapa. Outros custos importantes correspondem ao aluguel de bovinos (cerca de 500 animais, com aluguel entre R\$ 60 e R\$ 80 por cabeça) (LIMA et al., 2006).

Para a realização da Vaquejada, há o envolvimento de diversos profissionais. Por etapa, são contratadas 270 pessoas (seguranças, equipe do circuito, entre outros), e outros 3400 empregos são ocupados pelas pessoas ligadas a bandas musicais, setor de alimentação, e outras atividades de apoio ao evento. Cerca de 550 duplas participam em cada etapa, desembolsando R\$ 1100,00 em senhas (inscrições para participarem da competição), totalizando R\$ 605 mil. A diferença entre este valor das senhas e o citado custo de cada etapa (R\$ 700 mil) é coberta com patrocínio, em geral, de empresas de atuação regional (LIMA et al., 2006).

Em todo o território brasileiro, estima-se em três milhões o número de adeptos da Vaquejada, acompanhando mais de duas mil provas, das quais cerca de 400 são consideradas oficiais. Os prêmios, além de dinheiro, costumam ser automóveis e motocicletas (LIMA et al., 2006). Alguns circuitos chegam a oferecer centenas de milhares de reais em prêmios. Segundo Vilanova (2018), atualmente essa atividade tem grande importância econômica, pois movimentada cerca de 600 milhões de reais e gera em torno de 700 mil empregos diretos e indiretos por ano. Assim, a atividade que um dia fazia parte apenas do trabalho diário do vaqueiro nas fazendas do sertão se tornou uma grande festa.

A popularização e crescimento da Vaquejada fez com que essa atividade fosse vista como esporte e o vaqueiro como desportista, em termos oficiais, através da Lei Federal sancionada nº 10.220, de 11 de abril de 2001, muito embora essa lei considere *“atleta profissional o peão de rodeiro [...] Entendem-se como provas de rodeios as montarias em bovinos e equinos, as Vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva”* (AIRES, 2008).

Outras ações importantes para valorização do vaqueiro ocorreram em 2010, no estado da Bahia, com o reconhecimento do “ofício do vaqueiro” como patrimônio cultural e imaterial (QUEIROZ, 2011, 2013); e em 2013 através do projeto de Lei 12.870 que regulamenta o exercício da atividade profissional do vaqueiro (PEREIRA, 2016). Em 2016, o esporte foi legalmente reconhecido como patrimônio cultural imaterial, de acordo com a Lei 13.364/2016 (SANTOS, 2017).

Apesar de ser praticada a décadas pelos nordestinos, nos últimos anos a prática da Vaquejada enfrenta dificuldades, sendo declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal, por causar maus tratos e sofrimento aos animais, indo contra as leis de proteção animal que estão na constituição federal.

De acordo com Silva (2007), por se tratar de uma manifestação cultural nordestina, a Vaquejada está legalmente amparada pelo artigo 215, § 1º, da Constituição Federal: *“O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e Acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”* e *“o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”*.

Entretanto, mesmo respaldada por lei que a considera manifestação cultural, a prática da Vaquejada ainda gera discussões sobre bem-estar dos animais, pois segundo a Lei de Crimes Ambientais nº 9.605/98, é considerado crime contra a fauna "*praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos*", sob a pena de "*detenção, de três meses a um ano, e multa*" (SILVA, 2007).

Segundo Leitão (2002) baseando-se em um parecer técnico feito pela Dra. Irvênia Luiza de Santis Prada em 1999, o ato de segurar e puxar bruscamente a cauda dos bovinos durante as disputas, para fazer com que o animal estanque, pode causar luxações nas vértebras coccígeas que compõem a cauda do animal, podendo haver rupturas de ligamentos e vasos sanguíneos, causando lesões traumáticas. Além dessas possíveis lesões, pode-se ainda acontecer a desinserção e ruptura da cauda, ocasionando dor aos animais.

Além da argumentação de maus tratos sofridos pelos bovinos, ainda existe os maus tratos causados aos equinos que precisam alcançar o boi em alta velocidade e para isso os vaqueiros utilizam de mecanismos, os chamados arreios, rédeas, cabrestos, açoites e as esporas (DIAS; LINS, 2013).

Diante de todas as polêmicas e divergências, os praticantes da Vaquejada devem utilizar o bom senso para que o esporte procure formas que visem a integridade física dos animais que fazem parte das disputas e, assim, possam se adequar as leis ambientais (SILVA, 2007). Por esse motivo, a Associação Brasileira de Vaquejada – ABVAQ lançou em 2018 um manual com o objetivo de melhorar as condições de bem-estar animal tanto para os bovinos quanto para os cavalos, como por exemplo, assegurar a ausência de fome e sede, ausência de desconforto através da oferta de local apropriado para descanso e garantir a liberdade comportamental dos animais (ABVAQ, 2018).

No manual supracitado ainda constam regras com relação a obrigatoriedade do uso de protetor de cauda para os bovinos, a presença de equipe médica de veterinários de plantão durante toda a competição, a proibição da participação de qualquer animal que apresente doenças, deficiência física, ferimentos ou estado de caquexia. Para o cumprimento dessas e das demais regras exigidas pela associação em todas as competições, uma equipe de bem-estar animal compostas por médicos veterinários e zootecnistas atuarão com juízes de bem-estar animal (ABVAQ, 2018).

2.5 O cavalo Nordestino

No ano de 1549, devido ao surgimento de problemas com as capitanias, Tomé de Souza chegou ao Brasil, nomeado pelo rei D. João III, como governador geral do Brasil e trouxe consigo alguns cavalos de Cabo Verde, aportando na Bahia (COSTA; VAL; LEITE, 1974). Esse é o primeiro registro oficial da chegada dos primeiros cavalos domésticos no Brasil. A disseminação desses animais por todo Nordeste aconteceu através de Garcia D'Ávila, filho de Tomé de Sousa, durante a segunda metade do século XVI, que utilizava desses animais nas caravanas que desbravavam os sertões para tomar terras e escravizar índios (BANDEIRA, 2000).

Outro fato importante é que ainda no período colonial houve a chegada de espanhóis, franceses, bem como outros povos, que trouxeram também cavalos em suas comitivas, sendo esses animais das raças Berbere ou Brabo, vindos do norte da África, e das raças Someia e Garrano vindos da península ibérica. Acredita-se que essas raças deram origem as raças equinas brasileiras, dentre elas o cavalo Nordestino (PENSAMENTO VERDE, 2014)

O cavalo Nordestino se destaca nessa região por ser uma das poucas raças adaptadas às condições semiáridas. Assim, no sertão ele desempenhava funções de transporte de cargas, pessoas e na lida com o gado (GOMES, 2013). Além disso, também eram utilizados nas tradicionais Missas de Vaqueiros, Cavalgadas e Pegas de Boi no Mato (PIRES, 2012).

Para desempenhar tão bem as funções de trabalho e resistirem as condições impostas pela Caatinga, os cavalos Nordestinos desenvolveram características peculiares como cascos escuros e com ranilhas profundas, que permitem a esses animais caminhar por solos pedregosos por longas horas sem sofrerem injúrias. Além disso, esses equinos de temperamento dócil e ativo convivem bem com as altas temperaturas, insolação e intervalos com privação de alimento e água (PIRES, 2012; MULTICAVALOS, 2019).

Mesmo a rusticidade e adaptação do cavalo Nordestino ao semiárido não impediram a redução drástica no tamanho do rebanho. Muitos criadores que utilizavam o cavalo Nordestino na lida da fazenda, Pegas de Boi no Mato, Corridas de Mourão e Vaquejadas, substituíram gradualmente esses animais por outras raças, principalmente a Quarto de Milha, por apresentarem melhor desempenho nessas atividades.

O declínio do rebanho de cavalos Nordestino, intensificado pelo fim da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Nordestino (ABCCN), fez com que

muitos criadores vendessem seus animais para o abate, castrassem ou mesmo utilizassem eles em cruzamentos diversos, sem o cuidado de preservar o padrão da raça (MELO et al., 2011; NEPONUCENA, 2011), Santos e Juliano (2013) afirmaram que, caso não sejam realizados métodos de conservação para o cavalo Nordestino, pode-se concretizar o processo de extinção da raça, já iniciado.

2.6 A raça Quarto de Milha

Com origem nos Estados Unidos, a raça Quarto de Milha foi a primeira a ser desenvolvida na América do Norte, a partir de cruzamentos de garanhões de origem Árabe com éguas trazidas da Inglaterra pelos colonizadores daquela região. Esses cruzamentos deram origem a animais de musculatura forte, compactos, capazes de correr distâncias curtas em alta velocidade, com melhor desempenho que outras raças (QUARTISTAS, 2012). A agilidade dos equinos dessa raça nas corridas é resultado da potência dos músculos traseiros bem desenvolvidos. Além disso, esses animais possuem a capacidade de frear abruptamente, habilidade que confere bom desempenho tanto no campo quanto em provas equestres (PMU BRASIL, 2018).

A raça Quarto de Milha chegou ao Brasil em 1955 trazida pela Swift-King Ranch, com objetivo de melhorar a qualidade dos animais das fazendas que pertenciam a empresa, localizadas em São Paulo. A partir daí, observando o desempenho dos animais, os pecuaristas e criadores de cavalo da região começaram a se interessar por esses animais e assim a raça logo se difundiu por todo o país. Com o crescimento do efetivo de animais e número de criadores, viu-se a necessidade de criar uma associação e, em 15 de agosto de 1969, foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha (ABQM), no Parque da Água Branca, em São Paulo. Posteriormente a sede da ABQM foi transferida para a cidade de Bauru (QUARTISTAS, 2012).

Segundo a ABQM, até 13 de janeiro de 2017 o plantel Quarto de Milha no Brasil era composto por 514.316 mil animais registrados, de acordo com o Stud Book da ABQM, bem como 104.238 mil criadores (ABQM, 2017). Desse total de animais registrados, 127 mil encontram-se no Nordeste brasileiro, representando 22% do efetivo nacional. Isso se deve a preferência dos vaqueiros pelos cavalos Quarto de Milha, por serem inteligentes, dóceis, velozes e versáteis (POR FORA DAS PISTAS, 2018). Aires (2008) também destaca a facilidade que os equinos Quarto de Milha apresentam para serem treinados e adestramentos. Mirando nesse nicho equestre, a ABQM atua para o

reconhecimento da Vaquejada como esporte e financia, através de patrocínios, eventos e provas oficiais de Vaquejada, intensificando ainda mais o predomínio de equinos Quarto de Milhas nessas provas (TORRES, 2018).

Torres (2018), realizou estudo para determinar as características dos equinos de Vaquejada no estado de Pernambuco. A autora observou que, dentre os 1271 equinos abordados pelo estudo, 89% eram Quarto de Milha e 9,3% mestiços da raça. As raças Appaloosa, Puro Sangue Inglês e Paint Horse juntas representaram apenas 1,7% do total. A superioridade da raça Quarto de Milha nas Vaquejadas deve-se a capacidade que esses animais apresentam para realizar largadas fortes, paradas bruscas e rápidas mudanças de direção, características de extrema importância, que garantem alto rendimento nesse tipo de competição (MENESES et al., 2014). Ainda sobre as qualidades do Quarto de Milha, Ellersieck et al. (1985) destacaram que a raça possui linhagens de corrida cujos indivíduos podem desenvolver velocidade de 90 km/h.

3. OBJETIVOS GERAIS

Objetivou-se caracterizar a estrutura e funcionamento das Pegas de Boi no Mato, através da análise de cartazes de divulgação desses eventos.

4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Quantificar o volume de Pegas de Boi no Mato realizadas no sertão, assim como os locais de realização, número de edições, tipo de organização dos eventos, valores cobrados por senhas, categorias e valores das premiações.

5. MATERIAL E MÉTODOS

Entre março e abril de 2019, foram coletados cartazes de Pegas de Boi no Mato, realizadas no Nordeste brasileiro, em sites de busca e redes sociais (Facebook, Instagram e Whatsapp). Na sequência, foram extraídas dos cartazes informações relacionadas a: números de edições de cada evento, município, estado, organização, data, valor das inscrições/senha, categorias de disputa, presença de atrações musicais, critérios de classificação, valor das premiações, valor do ingresso para a festa (diferenciando taxa

masculina e feminina) e outros detalhes julgados pertinentes. Após tabulação, as informações foram submetidas a análise estatística descritiva (SAMPAIO, 2007).

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram coletados 240 cartazes. Destes, 221 informaram em qual edição o evento se encontrava. Observou-se tanto Pegas de Boi no Mato inéditas, ou seja, que estavam na sua 1ª edição, quanto eventos que celebravam a 56ª edição.

Dos 221 cartazes analisados, 60,2% correspondiam a eventos que estavam na sua 1ª a 5ª edição. Já disputas mais antigas, que estavam em sua 21ª edição ou mais, representaram apenas 3,1% da amostra (Tabela 1). O fato da maioria das Pegas de Boi no Mato estarem em suas primeiras edições, vai ao encontro a informação de Medeiros (2014) de que as Pegas de Boi no Mato vêm crescendo e ganhando espaço por todo Nordeste brasileiro, com o objetivo de resgatar a memória do vaqueiro sertanejo e celebrar a valentia e importância dessa figura para a história nordestina.

Tabela 1. Classificação das Pegas de Boi no Mato quanto a edição em que o evento se encontrava

| Edição do evento | Número de eventos |
|------------------|-------------------|
| 1ª a 5ª | 133 |
| 6ª a 10ª | 45 |
| 11ª a 15ª | 19 |
| 16ª a 20ª | 17 |
| 21ª ou mais | 07 |
| Total | 221 |

Entretanto, segundo Cavalcanti e Benício (2017), apesar do desejo de reavivamento da identidade do vaqueiro tradicional, através das Pegas de Boi no Mato, as novas gerações que acompanham as competições equestres dão preferência às grandes competições de Vaquejada, por se tratarem de disputas milionárias e, por isso, acirradas. Com isso, muitos jovens deixam de participar das Pega de Boi no Mato, colaborando para que em algumas regiões nordestinas nem exista mais essa prática.

Dos 240 cartazes coletados, 233 informaram qual o estado brasileiro em que o evento seria realizado. Destes 144 Pegas de Boi foram realizadas em Pernambuco. Na

sequência, os estados com maior representatividade foram Paraíba, Ceará e Bahia, com 31, 20 e 15 eventos, respectivamente. Já os estados de Alagoas, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe contabilizaram de três a seis disputas (Figura 1).

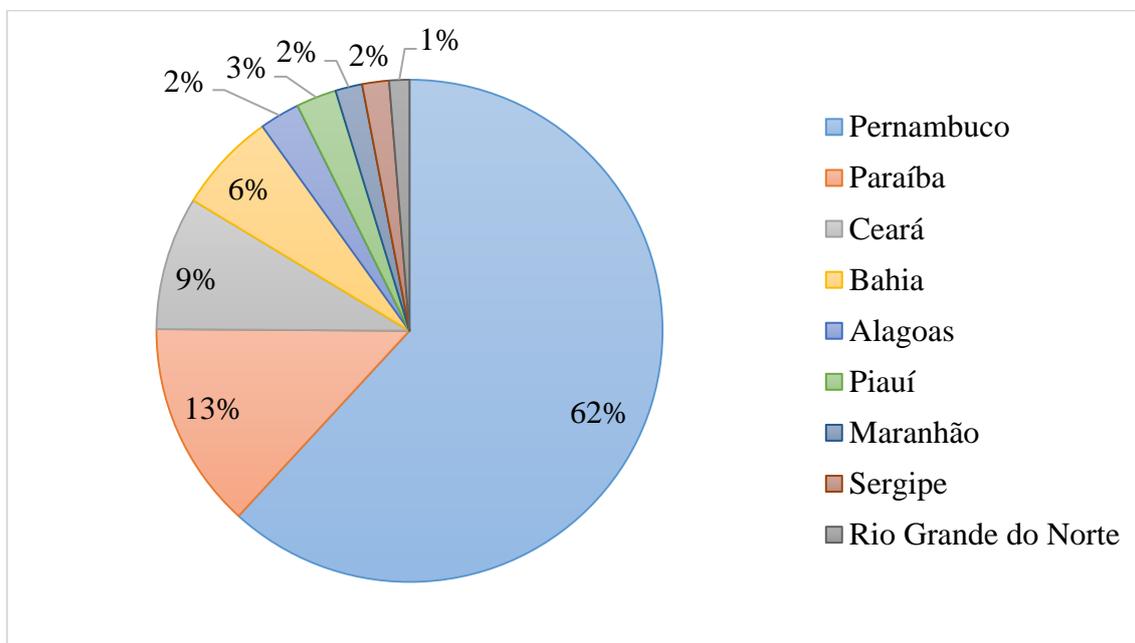


Figura 1: Distribuição das Pegas de Boi no Mato por estado brasileiro

Esse resultado deve ser visto com cautela, pois como as pessoas envolvidas na coleta dos cartazes residem em Pernambuco, é de se esperar que estes tenham mais Acesso justamente aos eventos sediados na região e/ou nos estados vizinhos. Tal condição inviabiliza análises mais aprofundadas sobre a frequência de Pegas de Boi nas diferentes regiões do Nordeste brasileiro.

Com relação a organização dos eventos, 202 cartazes apresentavam esta informação, sendo a maioria das Pegas de Boi organizadas por familiares (45,5%) ou grupos de amigos (43,1%) (Tabela 2). Apenas 06 eventos ficaram sob responsabilidade de apenas um organizador, ou foram promovidos por instituições públicas como diretorias, fundações, associações e prefeituras.

O maior envolvimento de familiares e grupos de amigos na realização das disputas, geralmente sem fins lucrativos, evidencia a persistência do sertanejo em manter viva a tradição dos seus antepassados, mesmo sem apoio de órgãos públicos.

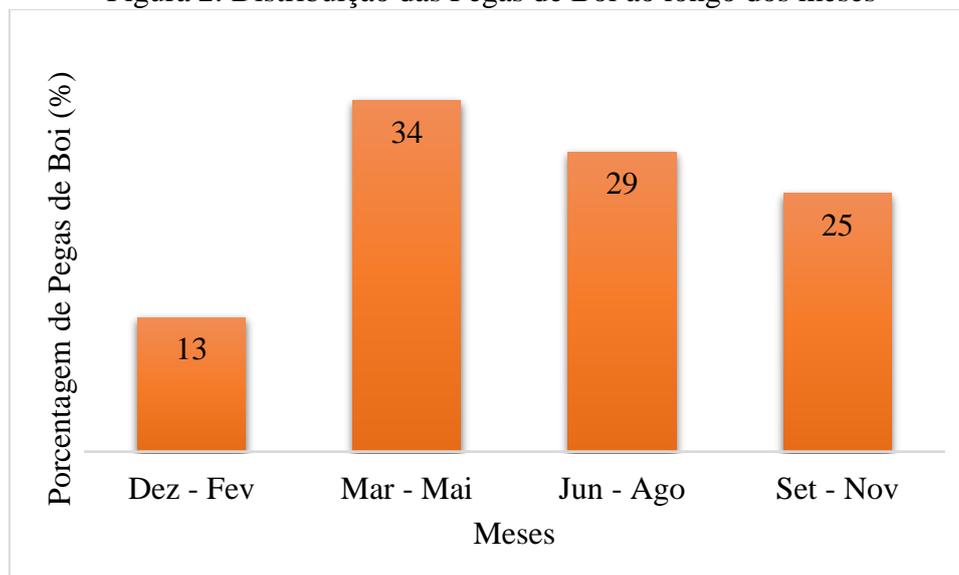
Tabela 2. Caracterização dos organizadores das Pegas de Boi no Mato

| Organização | Número de eventos |
|-----------------------|-------------------|
| Grupos de amigos | 92 |
| Familiares | 87 |
| Apenas um organizador | 17 |
| Órgãos * | 06 |

*Diretorias, fundações, associações e prefeituras

Em relação a distribuição das Pegas de Boi ao longo do ano, observou-se que o período compreendido entre dezembro e fevereiro foi o de menor atividade para os vaqueiros, sendo contabilizado nesse intervalo apenas 29 disputas. Por outro lado, a maior frequência desses eventos ocorreu justamente nos meses seguintes, ou seja, de março a maio, quando ocorreram 78 disputas. De junho a novembro registrou-se média mensal de 21 Pegas de Boi (Figura 2).

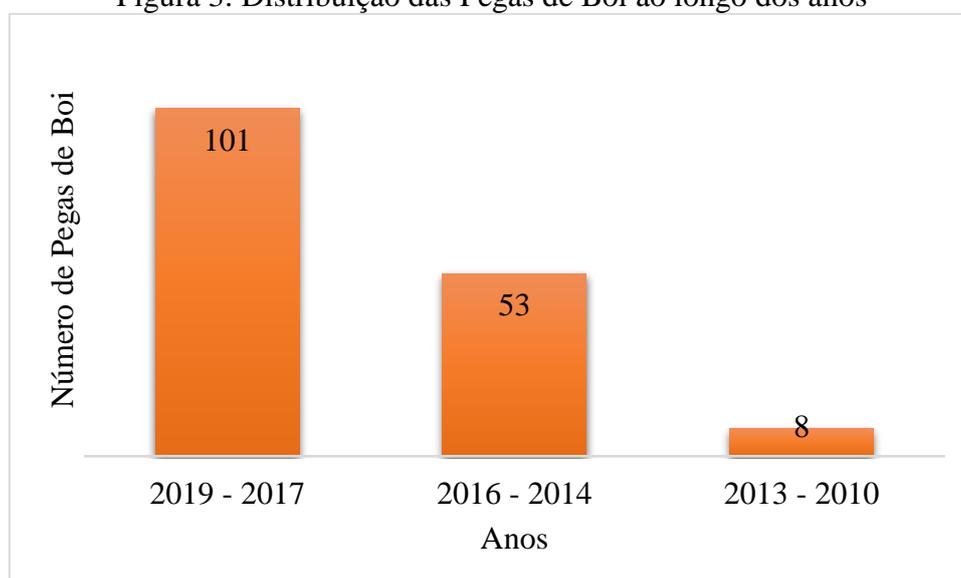
Figura 2: Distribuição das Pegas de Boi ao longo dos meses



Menor frequência de Pegas de Boi no Mato no final e início do ano pode estar relacionado ao comprometimento da renda para outros fins, juntamente com as tradicionais celebrações de Natal, Réveillon e Carnaval. Isso também justificaria a maior frequência de disputas nos meses subsequentes, pois dois fatores se somariam: fim do período de maior restrição financeira e ansiedade dos vaqueiros em voltar a competir.

Em apenas 162 cartazes constavam o ano de realização do evento e, entre estes, 62% das disputas ocorreram entre 2017 e 2019 (Figura 3). Em uma primeira análise, esse resultado reforçaria a hipótese de que nos últimos anos houve aumento na realização das Pegas de Boi. Porém, como a coleta dos cartazes ocorreu em 2019, é de se esperar que a maioria dos eventos sejam realizados no ano corrente e/ou no ano anterior. Assim, tal limitação metodológica impede análises e interpretações mais criteriosas. Outro possível fator que pode ter influenciado esse resultado é a recente utilização de redes sociais para divulgação destes eventos.

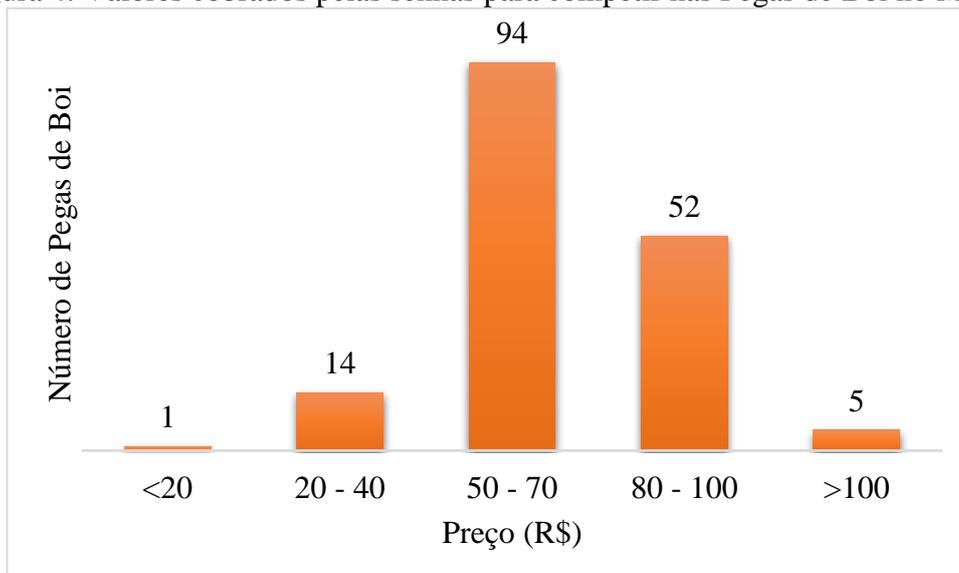
Figura 3: Distribuição das Pegas de Boi ao longo dos anos



Quanto ao valor cobrado pela senha (taxa cobrada ao vaqueiro para competir), observou-se grande variação nos preços, indo de R\$15,00 a R\$190,00, embora a média de preço tenha ficado entre R\$50,00 e R\$70,00 (Figura 4). Além disso, em apenas três eventos as inscrições foram gratuitas.

De acordo com Lima et al. (2006), nas Vaquejadas as senhas têm custo médio de R\$1100,00. Nesse sentido, preços médios entre R\$50,00 e R\$70,00 reforçariam o caráter social e democrático das Pegas de Boi, viabilizando a participação de vaqueiros que não têm condições financeiras para competir nas Vaquejadas (DIÁRIO DO NORDESTE, 2008).

Figura 4: Valores cobrados pelas senhas para competir nas Pegas de Boi no Mato



Oito cartazes apresentavam informação com relação a valores de senha distintos de acordo com as categorias dos competidores. Enquanto o valor mediano de senha para a categoria “Adulto” foi de R\$65,00, com preço mínimo registrado de R\$50,00 e máximo de R\$100,00, para a categoria “Mirim” foi de R\$25,00, com preço mínimo de R\$10,00 e máximo de R\$40,00. Dos 240 cartazes, apenas um considerou a participação de vaqueiras, sendo cobrado destas um valor semelhante ao da categoria Mirim (R\$30,00). Além disso, especificamente no cartaz que considerou a participação de vaqueiras, essas tinham direito a disputar somente um boi, e o prêmio para a vencedora foi de R\$100,00, enquanto os vaqueiros adultos disputaram 10 bois, com premiação de R\$250,00, e os vaqueiros mirins disputaram dois bois, com prêmio de R\$100,00.

Embora recente, na maioria das provas de Vaquejada já existe categorias femininas. Segundo Marinho (2016), atualmente há um crescimento e fortalecimento da categoria de vaqueiras, através do incentivo a participação de mulheres nas disputas, inclusive com a criação de entidades próprias como a Associação Brasileira de Vaqueiras (ABRAVA), que possui circuito oficial constituído de oito etapas sediadas nos estados de Pernambuco, Paraíba, Maranhão, Ceará e Pará. Tais iniciativas buscam maior visibilidade às vaqueiras e exigem melhores condições para elas nas competições como, por exemplo, premiações mais justas, pois enquanto as categorias masculinas chegam a R\$300 mil em prêmios, nas categorias femininas normalmente o prêmio é de R\$10 mil (SIVIERO, 2017).

Muitas vaqueiras conciliam a Vaquejada com outras atividades profissionais. O amor que essas mulheres têm pelo esporte vem da tradição familiar, passada de geração para geração, como mostra o depoimento de Roberta Gonçalves ao Diário do Nordeste em maio de 2018, em uma matéria especial sobre os desafios das mulheres na Vaquejada: *“Eu já nasci gostando. Com dois a três anos, pai já andava comigo. Filha de vaqueiro, vaqueira é”* (MULHERES..., 2018); E de Tássia Amorim, também para o Diário do Nordeste em abril de 2018: *“Pra mim, é uma coisa de sangue: meu pai corre e eu corro também. Muitas mulheres estão seguindo os pais e namorados, mas também estão criando coragem. Hoje em dia, nós estamos tomando novos espaços em muita coisa, não só na Vaquejada”* (PAULINO, 2018).

A visibilidade alcançada pelas categorias femininas nas Vaquejadas está refletindo nas competições de Pega de Boi, razão para no presente estudo identificou-se em um cartaz a presença de uma categoria apenas para vaqueiras.

Outra particularidade que foi encontrada em três Pegas de Boi foi a mudança de valor de acordo com o horário de compra de senha, exemplo: em uma Pega de Boi que foi realizada em Petrolina em agosto de 2018, a senha custou R\$80,00 até as 13:00 horas e R\$100,00 após esse horário.

Em apenas uma Pega de Boi houve promoção, onde uma senha custou R\$30,00 e a compra de duas senhas (senha casada) custou R\$50,00. Vale salientar que os valores das inscrições conferiam aos vaqueiros direito a refeições (café, almoço ou jantar) e em alguns eventos o ingresso também dava direito a entrada nos shows musicais.

Quanto ao número de bovinos soltos na Caatinga, nos 209 cartazes que apresentavam essa informação, observou-se que em 91% das disputas haviam de um a 25 bovinos para serem capturados, dessa forma a mediana foi de 10 bovinos por evento, com quantidade mínima de um e máxima de 200 bovinos (Tabela 3). Em dois eventos além dos bovinos, jumentos também foram alvo das capturas, e em outra Pega de Boi utilizaram carneiros.

Tabela 3. Quantidade de bovinos soltos na Caatinga para serem capturados nas disputas

| Número de bovinos | 1 a 25 | 25 a 50 | 50 a 100 | > de 100 |
|------------------------|--------|---------|----------|----------|
| Número de Pegas de Boi | 190 | 12 | 5 | 2 |

O prêmio oferecido por cada animal capturado na Pega de Boi foi desde quantias em dinheiro a selas, arreios, motos, outros animais e até a possibilidade de o bovino

capturado ser o prêmio. Considerando apenas os prêmios em dinheiro, obteve-se valor mediano de R\$500,00 por bovino capturado, sendo o menor prêmio R\$50,00 e o maior de R\$5000,00.

Tabela 4. Premiação ofertada para cada bovino capturado

| Prêmio (R\$) | 50 a 100 | 150 a 300 | 350 a 500 | 600 a 1000 | > 1000 |
|------------------------|----------|-----------|-----------|------------|--------|
| Número de Pegas de Boi | 25 | 145 | 169 | 102 | 23 |

Em uma mesma Pega de Boi no Mato existiam várias categorias, com valores distintos entre as premiações, exemplo: Uma Pega de Boi realizada em Petrolândia-PE em 2015 havia um animal para ser capturado no valor de R\$1.000,00, três animais no valor de R\$400,00 e oito animais no valor de R\$200,00.

Em 15 disputas o prêmio foi o próprio animal capturado, ou seja, o vaqueiro e/ou equipe que capturassem o bovino no mato se tornariam dono dele. Em cinco competições os prêmios foram outros animais (caprinos e ovinos), em cinco Pegas de Boi os prêmios foram motos, em duas foram selas, em um evento um dos prêmios foram duas caixas de cerveja e em outro a premiação correspondeu a um percentual do valor arrecadado com as inscrições.

Como normalmente nas Pega de Boi são soltos na Caatinga vários bovinos, e para cada animal capturado é conferido um prêmio, ao somar o valor total das premiações por evento, observou-se que esse variou de R\$400,00 a R\$30.000,00, tendo 55% das disputas gasto com premiações até R\$5.000,00 (Tabela 5).

Tabela 5. Valor gasto com as premiações nas Pega de Boi no Mato

| Valor (R\$) | Até 5000 | 5160 a 10000 | 11000 a 15000 | 16000 a 19000 | 20000 a 30000 |
|------------------------|----------|--------------|---------------|---------------|---------------|
| Número de Pegas de Boi | 108 | 65 | 14 | 5 | 5 |

Semelhante às Vaquejadas, o encerramento das Pegas de Boi geralmente é acompanhado por *shows*. No presente estudo, dos 240 cartazes em 206 constaram informações sobre as atrações musicais.

Algumas Pegas de Boi ofereceram incentivos em dinheiro para os caminhões que trouxessem os cavalos e vaqueiros para as disputas, exemplo: Uma Pega de Boi realizada em Verdejante-PE em novembro de 2018 ofereceu R\$100,00 de ajuda de custo para os caminhões que trouxessem mínimo de oito cavalos.

Outra forma de cortesia às maiores comitivas era a possibilidade dessa comitiva participar da captura de mais um bovino, exemplo: Uma Pega de Boi realizada em Floresta-PE em 2015 ofereceu um “boi pé de porteira”, no valor de R\$200,00, para ser disputado apenas pelos vaqueiros que vieram na maior comitiva.

Analisando os cartazes, observou-se algumas variações nos nomes dos eventos em 30 cartazes, a saber: “Grande Pega de Boi” (n=15); “Bolão de Pega de Boi” (n=11); “Mini Pega de Boi” (n=01); “Torneio de Pega de Boi” (n=01); “Folia de Boi” (n=01); e “Campeonato de Pega de Boi” (n=01).

Além disso, 12 Pegas de Boi ocorreram junto com outros eventos, como: “Cavalcada dos Amigos” (n=01); “Confraternização do Vaqueiros” (n=03); “Encontro dos Vaqueiros” (n=01); “Festa do Vaqueiro” (n=05); e “Missa do Vaqueiro” (n=02).

7. CONCLUSÃO

As Pegas de Boi no Mato são importantes manifestações culturais que celebram a cultura nordestina e a memória do vaqueiro sertanejo. Assim, vestir o paletó de couro e celebrar a aliança a tempos forjada entre o homem, a Caatinga e o bicho, serve de contraponto aos vorazes avanços tecnológicos, que por vezes aprisionam e omitem os reais valores dos que nos precederam.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, F. J. F. **O “espetáculo do cabro-macho”: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

ALVES, C. **Vaqueiros e Vaquejadas**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1986.

ANDRADE, M. C. de. **A terra e homem no Nordeste**. 2º ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no Nordeste**. 5ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1986.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUARTO DE MILHA – ABQM. **Manual de Bem-Estar Animal-2018**. João Pessoa/PB, 27 de setembro de 2017. Disponível em: <http://abvaq.com.br/app/webroot/documentos/manualdebemestaranimaldaabvaq_2018.pdf> Acessado em: 15 jul 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUARTO DE MILHA - ABQM. **Quarto de milha no Brasil**. 2017. Disponível em: < <https://www.abqm.com.br/pt/conteudos/quarto-de-milha/quarto-de-milha-no-brasil>> Acessado em: 11 abr 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VAQUEJADA - ABVAQ. **Regulamento geral de Vaquejada-2017**. João Pessoa/PB, 29 de dezembro de 2016. Disponível em: <<http://abvaq.com.br/app/webroot/documentos/regulamentogeraldevaquejada20172018.pdf>>. Acessado em: 12 abr 2019.

BANDEIRA, L. A. M. **O feudo: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 601p.

BARBOSA, E. L. **Valeu boi! O negócio da vaquejada**. Universidade Federal do Piauí, Teresina: EDUFPI, 2006.

BARROSO, G. **Terra de Sol: Natureza e Costumes do Norte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BARROSO, M. G. S. A escravidão e a crise do escravismo no antigo município de Picos – MA. São Luís, 2006. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/curso/especializacaopdf/gracab.pdf>> Acessado em: 08 de abr de 2019.

BEZERRA, J. E. F. **Retalhos do meu sertão**. Rio de Janeiro: Gráfica e Papelaria Leão do Mar, 1978.

CARVALHO, E. Vaquejada: Esporte Nordestino. **Jornal Simãoense**, 2014. Disponível em: < <http://jornalsimaodiense.com/2014/01/30/vaquejada-esporte-nordestino/> >. Acessado em: 9 de abr de 2019.

CASCUDO, L. C. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Fundação José Augusto: Natal, 1976.

CAVALCANTI, M. L. C; BENÍCIO, P. C. N. Cultura Nordestina: Tradição do Vaqueiro e Pega de Boi no Mato Resiste no Semiárido. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO, 2, 2017, Campina Grande. **Anais Eletrônicos...** Campina Grande, Editora Realize, 2017. Disponível em: < https://editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD4_SA11_ID1646_02102017151740.pdf> Acessado em: 30 mar 2019.

CAVALLUS. **A ‘Pega de Boi’ é uma tradição nordestina muito importante**. 2018. Disponível em: <<https://cavalus.com.br/geral/a-pega-de-boi-e-uma-tradicao-nordestina-muito-importante>> Acessado em: 30 mar 2019.

COSTA, N.; VAL, L. J.; LEITE, G. U. Estudo da Preservação do Cavalo Nordestino. Recife: Departamento de Produção Animal, 1974. p.38.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Caatinga tem “Pega do Boi”**. Junho de 2008. Disponível em: < <https://diariodoNordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/Caatinga-tem-pegado-boi-1.122938> > Acessado em: 04 mar 2019.

DIAS, E. R.; LINS, J. G. G. Colisão de direitos fundamentais: manifestações culturais e o meio ambiente ecologicamente equilibrado: a inconstitucionalidade da lei regulamentadora da vaquejada no Estado do Ceará. II Encontro Internacional de Direitos Culturais - II EIDC Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2013.

ELLERSIECK, M. R.; LOCK, W. E.; VOGT, D. W. et al. Genetic evaluation of cutting scores in horses. **Equine Vet. Sci.**, v.5, n.5, p.287-289, 1985.

FARIA, E. M. de. Estudo da Vaquejada Inserida No Contexto do Sertanejo Rural: O Vaqueiro. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1993.

FELIX, F. K. L.; ALENCAR, F. A. G. de. “O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades”. In: **Revista Geográfica da América Central**, Número especial, pp. 1-13, Costa Rica, 2011.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 3 ed. Rio de Janeiro: Recorde, 2000.

GOMES, L. P. B. Situação do efetivo de equídeos no semiárido brasileiro (2004–2010). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

JUNIOR, C. P. **História Econômica do Brasil**. Ed. Brasiliense. 1945.

LEITÃO, G. **A voz dos sem voz, direito dos animais**. Fortaleza: INESP, 2002.

LIMA, J. C. da R. Rezas ao sol: memória e tradição na Missa do Vaqueiro em Serrita - PE. Cadernos (**Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU**), v. 3, p. 33-48, 1991.

LIMA, R. A. S.; SHIROTA, R.; BARROS, G. S. C. **Estudo do complexo do agronegócio cavalo**. Piracicaba: CEPEA/ESALQ/USP, 2006, 251p.

LUNA, M. **‘Pega de Boi’ Resiste no Sertão**. Gazeta Web, 2015. Disponível em: <gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=270357> Acessado em: 01 mar 2019.

MAIA, D. S. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. **Geografia Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa: p.159-183, 2003.

MARINHO, C. **A força da mulher na vaquejada**. Portal Vaquejada, 2016. Disponível em: <www.portalvaquejada.com.br/noticias/2016/03/08/a_forca_da_mulher_na_vaquejada> Acessado em: 29 maio 2019.

MARQUES, A. C. D. R. **Domínios de Lampião: nomadismo e reciprocidade**. Florianópolis: UFSC, 1995. Dissertação de Mestrado.

MEDEIROS NETO, J. B. de. Desafio à Pecuária Brasileira. **Porto Alegre: Editora Sulina**, 1970.

MEDEIROS, R. **Pega de Boi no Mato – Tradição e Cultura do Nordeste**. Tok de História, 2014. Disponível em: < <https://tokdehistoria.com.br/2014/07/16/pega-de-boi-no-mato-tradicao-e-cultura-do-Nordeste/>> Acessado em: 01 abr 2019.

MEDIUM. **Os Pastores nos Campos de Pedra, ato 4: A caça**, 2016. Disponível em: < <https://medium.com/brio-stories/os-pastores-nos-campos-de-pedra-ato-4-b50d8ee236a6>> Acessado em: 01 abr 2019.

MEDRADO, J. **Terra, laço e moirão”: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900)**. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em História. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MEDRADO, J. **Vaqueiros e fazendeiros na comarca de Geremoabo-Bahia no final dos oitocentos: trabalho, dominação e resistência**. Revista Mundos do Trabalho, vol. 4, n. 8, julho-dezembro de 2012, p. 161-181.

MELO, J. B.; PIRES, S. A. F.; SANTOS, D. O.; SILVA, H. G. O. Estudo zoométrico de remanescentes da raça equina Nordestina no município de floresta, Pernambuco – Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservación Animal - AICA**, v. 1, p.71-74, 2011.

MENESES, A. C. A.; COSTA, M.D.; MARUCH, S.; et al. Medidas lineares e angulares de animais da raça Quarto de Milha em uma prova de vaquejada. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária- RBCV**. 2014; p.256-61.

MENEZES, S. S. M.; ALMEIDA, M. G. de. “Vaquejada: a pega de boi na Caatinga resiste no sertão sergipano”. **Revista Vivência. UFRN: Natal**, n. 34, pp. 181-193, 2008.

Mulheres conquistam, aos poucos, espaços na vaquejada. **Diário do Nordeste**, 2018 Disponível em: <<https://diariodoNordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/mulheres-conquistam-aos-poucos-espacos-na-vaquejada-1.1939918>> Acessado em: 29 maio 2019.

MULTICAVALOS. **Série: Cavalos e suas origens- Cavalos Nordestino**, 2019. Disponível em: < <https://multicavalos.com/serie-cavalos-e-suas-origens-cavalos-nordestino///>> Acessado em: 13 mar 2019.

NEPONUCENA, Y. “Nordestino” conquista novos criadores no CE. **Diário do Nordeste**, 2011. Disponível em: <<http://diariodoNordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1076318>> Acessado em 19 abr 2019.

PAULINO, N. Vaqueiras ganham mais espaço em vaquejadas. **Diário do Nordeste**, 2018. Disponível em: <<https://diariodoNordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/vaqueiras-ganham-mais-espaco-em-vaquejadas-1.1927832>> Acessado em: 29 maio 2019.

PENSAMENTO VERDE. **Cavalos Nordestino: Um animal brasileiro em extinção**, 2014. Disponível em: <<https://www.pensamentoverde.com.br/animais-em-extincao/cavalos-nordestino-animal-brasileiro-extincao//>> Acessado em: 13 mar 2019.

PEREIRA, R. M. Dominação e confiança: vaqueiros e animais nas pegadas de boi do sertão de Pernambuco. **Teoria e Cultura**, v. 11, n. 2, 2016.

PEREIRA, R. M. Agilidade e Prestígio no Sertão de Pernambuco: As relações ecológicas entre vaqueiros, cavalos, bois e Caatinga nas competições de pega de boi no mato. In: Reunião Equatorial de Antropologia, Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste – REA, ABANNE, 5. Alagoas. **Anais Eletrônicos...** Alagoas: REA, ABANE, 2015. Disponível em: <http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Renan%20Martins%20Pereira%20-%201020428%20-%203667%20-%20corrigido.pdf> Acessado em: 04 de mar de 2019.

PERES, E. A Tradição da Pega de Boi. **MFD- Museu da Fotografia Documental**, 2015. Disponível em: < <http://www.mfd.mus.br/pt/a-tradicao-da-pegadeboi/> > Acessado em: 01 abr 2019.

PIRES, D. de. A. F. Caracterização genética de remanescentes da raça equina nordestina em mesorregiões dos estados da Bahia, Pernambuco e Piauí através de marcadores microsatélites. 2012. 100 f. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Zootecnia – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

PMU BRASIL. **Quarto de Milha: Características, curiosidades e mais sobre essa raça de cavalo**, 2018. Disponível em: < <https://baliza1.pmubrasil.com.br/quarto-de-milha-caracteristicas/>> Acessado em: 13 mar 2019.

POR FORA DAS PISTAS. **Vaquejada impulsiona o crescimento do cavalo quarto de milha no Nordeste**, 2018. Disponível em: < www.porforadaspistas.com.br/vaquejada-impulsiona-o-crescimento-do-cavalo-quarto-de-milha-no-Nordeste/> Acessado em: 11 abr 2019.

PRADO JUNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

QUARTISTAS. **A origem da raça Quarta de Milha**, 2012. Disponível em: < quartistas.com.br/blog/a-origem-da-raca-quarto-de-milha/> Acessado em: 13 mar 2019.

QUEIROZ, W. “Bahia e Vaqueiros: um débito”. **Revista Entre Ideias: educação, cultura e sociedade**. FAGED, Salvador, n. 17, p. 71-84, jan./jun. 2011.

QUEIROZ, W. “Ofício de Vaqueiro. Patrimônio Cultural da Bahia: Breve Histórico”. In: **Cadernos do IPAC. Ofício de Vaqueiro**, 2013.

SAMPAIO, I. B. Estatística Aplicada a Experimentação Animal. 3ªed, Belo Horizonte: FEPMVZ, 2007. 265p.

SANTOS, M. S. dos. **A importância cultural e econômica da vaquejada e a relevância do seu reconhecimento como patrimônio imaterial do Brasil**. 2017. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Unidade Santana do Ipanema, Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Alagoas, Santana do Ipanema.

SANTOS, S. A.; JULIANO, R. S. Produção de equinos para a lida do gado. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOTECNIA**, 23,2013, Foz do Iguaçu. Zootecnia do futuro: Produção Animal Sustentável: [**anais**]. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2013.

SILVA, T. de. C. A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal de 1988. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 12, n. 1598, 16 nov. 2007. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/10659>> Acessado em: 01 abr 2019.

SILVA, T. de. C. A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 63, abr. 2009.

SIMONSEN, R. **História Econômica do Brasil**, Vol. 1, 1500-1820. Editora Nacional, 1937.

SIVIERO, B. No dia da mulher o reconhecimento às vaqueiras está longe do ideal. **Canal Rural**, 2017. Disponível em: <<https://blogs.canalrural.uol.com.br/tvquartodemilha/2017/03/08/no-dia-da-mulher-o-reconhecimento-as-vaqueiras-esta-longe-do-ideal/>> Acessado em: 29 maio 2019.

SOUSA, R. G. "Pecuária no período colonial". **Brasil Escola**, 200-? Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/pecuaria-no-periodo-colonial.htm>> Acessado em 01 abr 2019.

SPENCE, A. J.; THURMAN, A. S.; MAHER, M. J.; WILSON, A. M. Speed, pacing strategy and aerodynamic drafting in Thoroughbred horse Racing. *Biology Letters* (2012) 8, 678–681.

TAPETY, A. F. **O vaqueiro no Piauí: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000)**. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresinha, 2007.

TORRES, P. B. **Alterações ortopédicas em equinos de vaquejada**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal e Pastagens) - Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns, Garanhuns, 2018.

VIEIRA, N. S. Cultura de vaqueiro: O sertão e a música dos vaqueiros nordestinos. **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, maio de 2007. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/NataSilvaVieira.pdf>> Acessado em: 08 abr 2019.

VILANOVA, A. É Festa em Santana, é dia de Vaquejada. **Gazeta Web**, 2018. Disponível em: <blogdobob.blogspot.com/2018/03/04/e-festa-em-santana-e-dia-de-vaquejada/> Acessado em: 01 mar 2019.

VIVA O SERTÃO. **Pega de Boi na Fazenda Esperança**, 2016. Disponível em: <<https://www.vivaosertao.com.br/index.php/experiencias/item/73-pega-de-boi-na-fazenda-boa-esperanca>> Acessado em: 04 mar 2019.